

A Zona do Euro em 2012

Ariane de Oliveira Saraiva¹

Resumo

O paper apresenta, brevemente, alguns aspectos da atual situação da zona da euro, apresentando dados sobre as taxas de desemprego e crescimento, os esforços para amenizar a crise financeira grega, passando por algumas avaliações das suas causas.

Palavras-chave: União Europeia; Crise Financeira; Crise Grega

Há poucas semanas, o economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), Oliver Blanchard, afirmou que a recuperação da economia mundial após a crise financeira originada em 2008 pode durar, pelo menos, uma década.

A crise global iniciada nos EUA atingiu os países mais vulneráveis da Europa, pois além da crise econômica, a consequente diminuição de gastos por parte dos governos e da confiança dos setores privados podem ser apontadas como as principais causas do aumento da taxa de desemprego e pequeno crescimento na Europa. Em outubro de 2012, a taxa de desemprego atingiu a média de 11,7 % na zona do euro e 10,7% na União Europeia, mas entre os jovens com menos de 25 anos a média sobe para 23,9% e 23,4% respectivamente (Eurostat, 11/2012), apresentando, ao longo deste ano, números recordes, desde 1997.

Para o ano de 2012, a Comissão Europeia apresenta a expectativa de que a zona do euro registre contração de 0,4%, enquanto prevê crescimento de apenas 0,1% em 2013. Conforme os dados apresentados pela Eurostat, o Produto Interno Bruto (PIB) da zona caiu 0,1% no terceiro trimestre em comparação com o segundo, tendo, o mês de setembro, o pior resultado desde janeiro de 2009. A queda da economia em dois trimestres seguidos configura recessão para a zona, sendo esta a segunda recessão

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR. Conjuntura Global, Curitiba, Vol. 1, n.1, out./dez., 2012, p. 45-47.

desde 2009. O economista Paul De Grauwe, da London School of Economics afirmou que esse cenário "é resultado de um excesso de medidas de austeridade em países do sul (da Europa) e a falta de disposição do norte para fazer qualquer outra coisa" e que, portanto, encontra suas causas pelas medidas em reação à crise.

No que tange ao caso grego, os problemas financeiros deram sinais no final de 2009, quando a agência Standard & Poor's, e posteriormente outras agências de classificação de risco, rebaixou a qualificação da dívida grega. Planos de austeridade foram apresentados e aprovados pela Comissão Europeia em 2010, seguidos por uma sequência de recomendações voltadas à aceleração de reformas e privatizações de setores como o de energia, monopolizado pelo Estado. As solicitações de ajuda financeira, por parte do governo grego, deram-se em abril de 2010, sendo aprovado, no mês seguinte, um pacote de 110 bilhões, pagos em parcelas que se estenderam até dezembro de 2011, condicionadas à revisão do alcance das medidas implementadas.

Nesse contexto da difícil situação no balanço fiscal da Grécia e, anteriormente, da Islândia, os investidores assumiram forte movimento, por razões reais ou não, contra os títulos dos países chamados de PIIGS (Portugal, Itália, Islândia, Grécia e Espanha).

Com o objetivo de reduzir a incerteza na Europa e na Grécia, no último 28/11, estiveram reunidos Ministros das Finanças da zona do euro, o Banco Central Europeu e o FMI para estabelecer novo acordo sobre o pagamento de mais uma parcela do pacote de resgate da Grécia. O pacote de 43,7 bilhões de euros será pago em quatro parcelas até março de 2013, sendo 34 bilhões pagos já no mês de dezembro.

Além disso, dentre as medidas acordadas entre os ministros está o corte das taxas de juros de empréstimos concedidos à Grécia e a ajuda para recomprar, dos investidores privados, os títulos de sua dívida. Como contrapartida, a Grécia terá que reduzir sua dívida pública ao limite de 124% do PIB até 2020. Em fevereiro deste ano, o limite estabelecido era menor: de 120% do PIB.

Dentre os que comemoraram o acordo, está o presidente francês François Hollande, que afirmou ter sido um resultado positivo da "gestão iniciada pela França há seis meses para confirmar o enraizamento da Grécia na Eurozona".

A Alemanha, por sua vez, sempre foi favorável a uma solução para a crise através de reformas internas e redução do déficit. Entretanto, muitos argumentam que

não é hora de austeridade. O que é necessário: crescimento e uma grande reforma. Alguns ministros, em Bruxelas, mostraram-se mais dispostos a discutir a favor da união bancária e de uma maior integração fiscal entre os países, além da implementação de mecanismos de resgate como os fundos garantidores da dívida e a emissão de eurobonds, mecanismo este que a chanceler alemã Angela Merkel declarou não ser a solução da crise da dívida por serem “economicamente errados”.

Para o cientista político George Friedman (2011), a União Europeia (UE) é uma instituição projetada para funcionar de forma muito eficaz em tempos de prosperidade, mas não foi construída para lidar com crises. Conforme afirma, constitui uma estrutura de tomada de decisão muito difícil de gerir e, principalmente, tem o poder real nas mãos dos Estados-nação, que tomam decisões com base em seus próprios interesses políticos, não nas mãos da UE. Assim, para Friedman, parte da solução passa pelo entendimento de que a questão não é tanto o colapso, mas como gerenciar o caminho para sair da crise que a própria união monetária criou. Questão na qual se insere a autonomia e a independência da política fiscal dos países em uma mesma moeda.

Nesse momento, a economia alemã também começa a apresentar menos fôlego, segundo o Escritório Federal de Estatística (Destatis), em consequência da fraqueza conjuntural europeia. Algumas previsões indicam que a Alemanha registrará contração no quarto trimestre deste ano, a primeira vez desde o final de 2011, dificultando ainda mais vislumbrar uma recuperação definitiva da ameaça de recessão que assombra alguns países europeus.

Referencias Bibliográficas

CHAMBERS, Clem. *Crise na Europa*. Disponível em: <http://br.advfn.com/>. Acesso em 28/11/2012.

EUROSTAT. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/statistics/themes>. Acesso em 28/11/2012.

FRIEDMAN, George. Disponível em: <http://www.stratfor.com/analysis/20110929-agenda-george-friedman-europes-debt-crisis>. Acesso em 30/11/2012.

REVISTA EXAME (on line) Disponível em: <http://exame.abril.com.br/topicos/crise-grega>. Acesso em 29/11/2012.